



# **APORTES HISTÓRICOS E ETNOLÓGICOS PARA O RECONHECIMENTO DA CLASSIFICAÇÃO GUARANI DE COMUNIDADES VEGETAIS NO SÉCULO XVII\***

*Francisco Silva Noelli*

Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História ó Programa Interdisciplinar de Estudos de População. Universidade Estadual de Maringá. Doutorando em Ciências Sociais pela UNICAMP. Endereço: Av. Colombo 5790, Maringá-PR, CEP 87020-220. E-mail [lae@uem.br](mailto:lae@uem.br) e [ffnoelli@wnet.com.br](mailto:ffnoelli@wnet.com.br)

Pretende-se apresentar os primeiros resultados para o estabelecimento de um modelo geral sobre a classificação Guarani de comunidades vegetais, iniciando com dados obtidos em um dicionário do século XVII, elaborado por Antonio Ruyz de Montoya no oeste do Paraná. Divididas em áreas de vegetação campestre, palustre ou silvática, bem como em zonas de transição entre elas, as comunidades eram bem discernidas e exploradas, como mostram as informações coligidas por Montoya e autores posteriores. Essas informações também são úteis para estudos de lingüística histórica e comparada no âmbito da família Tupi-guarani e do tronco Tupi, que podem evidenciar mais elementos que contribuam na definição das semelhanças e diferenças entre esses povos de origem cultural comum.

Palavras-chave: Guarani; Etnobiologia; Comunidades vegetais.

---

*We present here the first results for the construction of a general model of the Guarani classification of botanical communities, beginning with data from Antonio Ruyz de Montoya's XVIIth century dictionary for the west of the Paraná state. The communities had been well defined and explored, divided in campestrial, marshes or forest, as well as in transition areas between them, as Montoya and other later authors indicate. This information can also be useful for research on historic and comparative linguistics of the Tupi-Guarani linguistic family and the Tupi branch, through which we can observe more elements that favor similarities and differences between these people with a common cultural origin.\*\**

*Keywords: Guarani; Ethnobiology; Vegetal Communities*

\* Trabalho apresentado no *I Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia* realizado em Feira de Santana, Bahia, 1996, com modificação do texto originalmente apresentado (vide Noelli, 1993).

\*\* Tradução de Martin Giesso.

---

*ōthe Guarani know their physical environment in great and minute detail, its flora, its fauna, its weather, its water courses and the topography. An indirect testimony of the extent of Cayuá nature lore is the enourmous contribution of the Tupi-guarani languagesō.*

(James Watson, 1952:23)

**N**o século XVIII Linneo qualificava os Guarani como um dos povos **primus verus systematicus** da biologia (c.f. Storni, 1944:11). Porém, apesar dessa importante consideração, somente depois de duzentos anos é que o sistema classificatório vegetal dos Guarani passou a ser apresentado ao mundo acadêmico (Bertoni, 1940; Cadogan, 1947, 1955, 1973; Garcia, 1979, 1985; Gatti, 1985). A partir desses trabalhos, dos dicionários bilíngües e de outras publicações, é possível verificar a amplitude do conhecimento botânico Guarani. Sua compreensão pode ser ampliada quando comparada aos dados dos demais povos falantes das línguas da família lingüística Tupi-guarani (TG), para estabelecer semelhanças, diferenças e outras relações culturais. Podem, também, contribuir com os estudos de fitogeografia, pois tanto os Guarani como os demais povos filiados ao tronco lingüístico Tupi contribuíram para dispersar muitas espécies amazônicas e enriquecer a biodiversidade das regiões que ocuparam, graças ao seu tipo de manejo ambiental. Deve partir-se do princípio de que transportavam suas

plantas alimentícias, remédios, matérias primas e de fins simbólicos, da mesma forma que seus diversos objetos materiais, tal como a cerâmica, habitações, enfeites, etc.

Este trabalho apresenta os resultados iniciais de um estudo sobre a classificação botânica dos povos falantes da língua Guarani, visando estabelecer parâmetros para pesquisas sobre as suas relações práticas e simbólicas com o meio em que habitaram ou habitam. Apesar das limitações normalmente apresentadas pelas fontes coloniais às atuais metodologias etnobiológicas, neste caso, afortunadamente ao contrário, elas estimulam novas reflexões e problemas em direção ao reconhecimento da relação dos Guarani com o ambiente, especialmente com a flora.

A bibliografia útil aos estudos sobre botânica Guarani contém volumosa nomenclatura de plantas, extensa lista de utilidades, elementos mitológicos e religiosos fragmentariamente publicados desde o século XVI. Porém, até que se realize uma pesquisa etnobiológica entre as populações atuais, com uma abordagem que acompanhe os desenvolvimentos metodológicos ocorridos a partir de 1980, são os dicionários bilíngües e os autores acima mencionados as únicas fontes disponíveis para se ter acesso ao conhecimento acadêmico da botânica Guarani que, todavia, ainda é bastante restrita em relação à detalhes sobre ecossistema e fisionomia dos ambientes ocupados por eles.

Os etnobiólogos têm estudado junto com vários povos Tupi, como os Kaapor, Araweté, Asurini, Guajá, Tembé e Wayampi (p. ex.: Balée, 1984, 1986, 1987, 1989a, 1989b, 1990; Balée & Gély, 1989; Balée & Moore, 1991; Grenand, 1980; Grenand & Haxaire, 1977), buscando informações específicas de cada um desses povos, bem como procuraram estabelecer comparações entre eles e com outros povos Tupi-guarani, visando obter dados sobre sistema classificatório, nomenclatura, uso específico de vegetais, técnicas de manejo, seleção e aperfeiçoamento de espécies, quantificação, ecologia, etc. Entre povos de outras culturas sul-americanas também têm sido obtidos resultados similares (p. ex.: Johnson, 1982, 1989; Sponsel, 1986; Prance, Balée,

Boom & Carneiro, 1987; Boom, 1989; Irvine, 1989; Salick, 1989; Salick & Lundberg, 1989; Smole, 1989; Hecht & Posey, 1990).

Entretanto, as classificações TG de comunidades vegetais não-manejadas ainda estão para ser analisadas mais acuradamente, pois, basicamente, os locais manejados é que têm sido majoritariamente estudados. Conforme o conjunto de dados publicados até o momento, a classificação Guarani de áreas de roça é menos detalhada que as obtidas atualmente na Amazônia, enquanto que as aparentemente não-manejadas pelos Guarani aparecem em maior detalhe e quantidade que as amazônicas. Conhecemos apenas a denominação genérica para uma área específica de manejo, especificamente a roça, definida como **temity**. Isto, provavelmente, é devido ao estado atual em que se encontram as pesquisas, sendo possível alcançar no futuro uma equivalência entre os Guarani e os elementos obtidos com os TG. Por exemplo, segundo Balée & Gély (1989:131-132), os Kaçapor classificam as comunidades vegetais restritas a espaços manejados para roças, divididos em seis zonas principais segundo o seu estágio sucessional: **kar** (roça da casa); **kupisa** (roça jovem, aberta e queimada a apenas 2 anos); **taperer** (roças de 2 a 40 anos); **taper** (roças de 40 a 100 anos, em pousio); **kaça-te** (floresta madura); **iapo** (floresta alagadiça/alagada). Também apresentam distinções que os Kaçapor fazem entre as distâncias da casa até as roças com diferentes idades e composições fitossociológicas, e entre essas roças e a floresta madura (Balée & Gély, 1989:131).

As fontes básicas para o estudo de comunidades vegetais no século XVII são os dicionários **Tesoro y Vocabulário de la Lengua Guarani**<sup>1</sup>, elaborados por Antonio Ruiz de Montoya no oeste do Paraná entre os anos de 1612-1617 (publicados em Madri no ano de 1639). Posteriormente, excetuando Bertoni (1940), Cadogan (1955) e Gatti (1985), os inúmeros cronistas e etnógrafos dos Guarani pouco acrescentaram à nomenclatura de comunidades coligidas por Montoya. A

---

<sup>1</sup> T = *Tesoro*, B = *Vocabulário*. T:31 = *Tesoro*, página 31.

exceção, talvez, seja o desconhecido trabalho *Paraguay Cultivado* de José Sanchez Labrador, cujos manuscritos ajuntados em 4 tomos estão atualmente desaparecidos (segundo as estimativas de Efraim Cardozo, 1979:359, a obra completa publicada de Labrador alcançaria cerca de 40 volumes). Embora a maior parte de sua monumental obra esteja inédita, Sanchez Labrador é considerado como um dos naturalistas mais completos que a América do Sul produziu até o final do século XVIII, superando os muito conhecidos Bernabé Cobo, Juan Velazco, Juan Ignacio Molina e Felix de Azara (cf. Furlong, 1948; Castex, 1968). Os únicos acréscimos significativos, para outras questões botânicas, foram publicados por Bertoni (1927, 1940), Müller (1928), Cadogan (1943, 1955, 1973), Martínez-Crovetto (1968a, b), Garcia (1979, 1985) e Melià (1987). Outros aportes foram descritos por Susnik (1982-1983), Melià (1989) e Melià, Grünberg & Grünberg (1976), a respeito de definições sobre divisão física e aproveitamento econômico dos **tekoha**<sup>2</sup>.

Não serão abordadas neste trabalho, por falta de dados, as relações estabelecidas entre a vegetação e os tipos de solos, pois ainda dependemos de novas pesquisas etnográficas. Todavia, sabemos que os Guaraní distinguem os solos pela coloração e pela cobertura vegetal<sup>3</sup>.

Para considerar as comunidades vegetais, é importante que antes se tenha noção de como os Guaraní ordenam sua classificação botânica. Para tanto, faremos apresentação sumária de informações obtidas na década de 1970 entre os Guaraní Kayová do Mato Grosso, por Wilson Garcia (1985), pois neste momento entendemos que o sistema de ordenação botânica Kayová é semelhante ou igual ao sistema classificatório dos Guaraní do século XVII.

Assim como os *Kaapor* (Balée, 1989a:5), os Guaraní não possuíam termo equivalente ao de planta, flora ou a um **taxon** inicial (Garcia,

---

<sup>2</sup> Território de domínio da aldeia Guaraní.

<sup>3</sup> *Yvy moroti*, solos esbranquiçados; *yvy pytã*, solos avermelhados (roxos); *yvy hu*, solos escuros e acinzentados; *yvy sayju*, solos amarelados e pardos (Melià; Grünberg & Grünberg, 1976:203; Gatti, 1985; Noelli, s.d.).

1985:72). A ordenação Guarani, segundo Garcia (1985:73), representa 10 categorias supragenéricas. Os representantes dessas categorias formam comunidades de uma ou mais espécies. A denominação Guarani das diferentes comunidades, bem como de suas combinações, segue uma ordenação descritiva conforme cada tipo de ambiente, similar a da botânica ocidental. Já as categorias são estabelecidas a partir das semelhanças e diferenças entre estrutura morfológica, comprimento do caule e aspectos simbólicos:

01) **Kam**<sup>4</sup>: ervas. Plantas de caule herbáceo, de porte apequenado e cujos ramos não formam copa.

2) **Yvyra**: árvores. Plantas de caule lenhoso, de grande porte, com copa encimando o tronco.

3) **Ysypo**: cipós. Plantas com caule trepador, geralmente com espinhos e gavinhas.

4) **Kapiá**: capins. Plantas com caule herbáceo, com folhas finas e compridas.

5) **Temity**: Plantas da roça. Categoria definida em virtude do modo de aquisição das plantas. São aqui agrupadas todas as plantas cultivadas na roça, independentes da morfologia do caule.

6) **Karagwata**: caraguatás, bromeliáceas. Plantas com as folhas em touceiras.

7) **Yvyra rehegwa**: Parasitas e orquídeas. Plantas sem caule, e raízes aéreas, que se desenvolvem sobre árvores.

8) **Pohã**: remédios. Plantas utilizadas no preparo de receitas que têm por finalidade **pohãno**, curar diversas **rasy**, enfermidades.

9) **Porã**: sagradas. Plantas criadas pelos seres sobrenaturais e que se desenvolvem nos diversos **yvanga** (céus), para alimentação dos que ali vivem.

10) **Yvy rehegwa**: musgos. Pequenas plantas herbáceas, sem flores, que se desenvolvem à sombra de outras árvores e em lugares úmidos.

---

<sup>4</sup> Em Montoya aparece como sinônimo de mata, floresta.

Embora não temos por objetivo fazer uma comparação direta ou afirmar que esta classificação supragenérica seja a mesma do século XVII, entendemos que hajam estreitas relações de semelhança e continuidade com a classificação que Montoya encontrou na bacia do baixo Paranapanema.

Estabelecendo parâmetros não-Guarani para sistematizar a apresentação das classificações de comunidades vegetais, empregarei os conceitos mais gerais de Rambo (1956), porque ele desenvolveu suas pesquisas de *õfisionomiaõ* regional em locais similares aos da região do serviço missionário de Montoya nas bacias do Tibagi, Pirapó, Paranapanema e Paraná (florestas subtropicais da região sul-brasileira, florestas de *Araucaria angustifolia*; *õcampos* de cima da serraõ; florestas das *õbord*as da serraõ; vales de grandes rios, encostas e planícies circundantes do planalto, regiões de *õcamposõ* próximos ao planalto, etc; veja também Hueck, 1972). Em nível genérico, Rambo (1956:172-183) divide a vegetação sul-brasileira entre as zonas Campestres, Silváticas e Palustres. Incluo também as zonas com vegetação Predominante:

- Vegetação Campestre: predominância de cobertura de gramíneas, com áreas limitadas de outras formações da flora.

- Vegetação Silvática: mata de terreno seco, dividida em matas arbustivas, capões, parques e floresta.

- Vegetação Palustre: caracterizada pela ocorrência na água, em locais inundáveis ou periodicamente sujeitos a grande umidade, onde existem comunidades vegetais flutuantes, comunidades da beira d'água, dos banhados, dos prados úmidos, das ilhas inundáveis e de matas galerias.

- Vegetação Predominante: caracterizada por comunidades com uma espécie majoritária.

Os únicos tipos de vegetação que não apresentam conceito explícito em Montoya são os de mata galeria e formações de *õparqueõ*. Conforme Bruno Irgang<sup>5</sup> (com. pessoal, 1992), a maioria dos casos de

---

<sup>5</sup> Professor do Departamento de Biologia da UFRGS.



matas-galeria são possivelmente um produto da ação agropastoril e extrativa não-indígena na Região Sul do Brasil. Sobre as zonas campestres haviam formações de õparquesõ representados por árvores migradas da mata e distanciadas umas das outras com certa regularidade sobre uma vegetação típica de campo limpo (Rambo, 1956).

A estruturação da nomenclatura Guarani extraída de Montoya foi organizada de acordo com as zonas de vegetação definidas logo acima. O objetivo dessa organização é traçar um paralelo com a classificação da botânica ocidental. Posteriormente, a partir dos vários trabalhos etnobiológicos mencionados acima, busquei exemplos para definir e detalhar cada caso apresentado.

### COMUNIDADES DA ZONA COM VEGETAÇÃO CAMPESTRE.

Os campos são constituídos por vegetação majoritariamente herbácea, de pouca altura. Montoya registrou para os campos a classificação **ñu** (B:149, 233) õprado, campoõ. Conforme todas as informações históricas e etnológicas, os campos serviam como local de caça e coleta, mas nunca para instalar a aldeia e as roças.

Quanto a extensão, chamavam as planícies campestres com grande área de **ñururi puku** (T:347) õcampo estendido, planoõ (T:323, **puku** = comprido).

O campo plano era designado como **ñururi** (T:347) õcampo raso, ininterruptoõ (**yvy ruri**, T:347; **yvy** = solo, **ruri** = plano, planura, coisa seguida, continuada). Enquanto que o campo em encosta de elevações era definido como **ñuroguamby** (T:344) õcampo em encosta de morroõ (T:344, **roguamby** = falda de morro). A fronteira campo/mata era definida como **ñukaavapi** (T:52) õprincípio ou fim do campo, vizinho ao matoõ.

A cobertura vegetal do campo, composta de gramíneas e herbáceas, era chamada de **kapiá poñy** (B:18) õgramadoõ (T:89, **kapiá** = palha, feno, capim). Conforme o tipo de concentração de herbáceas, poderia ser chamado de **kapiátyva** (T:89, B:54) õervaçal, campo com restevasõ. Servem como exemplo os campos õsujosõ, cobertos de

carquejas (*Baccharis sp.*) e touceiras de capim alto, característicos do Paraná (onde Montoya circulou) e das demais áreas do sul do Brasil. Os **kapiá tyva** eventualmente tinham função na cultura material, pois, na falta de folhas de palmáceas, teriam sido manejados para produzir material para cobrir as casas - **kapiá óga** (T:89) ôcasa coberta de palhaö (especialmente o capim **aguara ruguái** - *Andropogon sp.*), como testemunhou Ruyer em 1627 nas proximidades de Foz do Iguaçú (1970:72):

õtudo é mato cerrado sem campo nenhum, senão alguma mancha pequena de duas ou três quadras em que se cria alguma palha para cobrir as casas (ainda que poucos usem-na)ö.

Envolvido pela vegetação campestre, o **kaa paai** (T:84, 264, B:53), o capão de mato, foi traduzido como ôilha de mato ou ilha de árvores no campoö. **Ñu paai** (T:264) ôilha de mato no campoö, representa a existência de capões sobre os campos predominantes. Os capões recebiam diferentes designações, de acordo com seu volume, área e idade: **kaa paai yvate** (T:167) ôilha de mato altoö, evidenciando um capão formado por uma comunidade arbórea madura ou em fase avançada de amadurecimento; **kaa paandyva** (T:264) ôilhas de matosö e **kaa paandy** (T:84) õmuitas ilhas de mato no campoö, quando designavam vizinhança de capões. Capões vizinhos, dependendo dos solos, muitas vezes poderiam encostar-se e formar florestas (Rambo, 1956). É possível que os Guarani manejassem capões, transformando os já existentes ou criando novos para obter alimentos, drogas medicinais, matérias-primas e abrigo, como os Kayapó nos **apêê** (Posey, 1987; Hecht & Posey, 1990).

A intrusão dos campos na floresta foi registrado como **ñu ñovaai** (T:253) e **ñu rakape** (T:348) õmancha de campo entre os matosö. Uma de suas causas era devida à fatores naturais, principalmente pedológicos.

## COMUNIDADES DA ZONA COM VEGETAÇÃO SELVÁTICA.

São zonas importantes em termos culturais, consideradas preferenciais pelos Guarani para instalarem suas aldeias, roças e outras localidades relacionadas, onde eram realizadas diversas atividades eco-

nômicas, sociais, religiosas e de lazer (cf. noção de **locations** in: Binford, 1980:9). É o local essencial para a reprodução da cultura, de acordo com Melià (1981). Hoje, devido à alteração ambiental que reduziu a extensão das florestas do sul do Brasil e países vizinhos, os sítios arqueológicos localizados em campos e à beira-mar, em solos arenosos e/ou cobertos por dunas, são, além de marcadores territoriais dos Guarani, precisos marcadores de antigas áreas florestais.

Na classificação de comunidades em zonas silváticas é obrigatório considerar o processo de inserção dos Guarani nos ecossistemas, que gradualmente deviam passar de área virgem (floresta primária) a espaço fitossociologicamente alterado pelo manejo agroflorestal, a exemplo de outros agricultores de floresta (TG e outras culturas nos autores citados acima). Isto é fundamental para definir padrões de colonização e alteração vegetal de novos territórios e, posteriormente, da sua manutenção ao longo dos séculos como foi comum nas zonas silváticas da América do Sul.

A área de floresta primária oferece poucos recursos de subsistência, principalmente por eles estarem dispersos, havendo todo um complexo de atividades práticas e simbólicas empregados no seu reconhecimento para definir as modificações e manejos que propiciam a reprodução da vida cotidiana e da cultura, assim como as relações com a população do cosmos Guarani. Isto é, nos termos Guarani, passar de um espaço vazio para um espaço cultivado, concentrando diversas plantas úteis em áreas específicas.

As áreas intocadas por suas técnicas de manejo e desconhecidas em suas estruturas ecológica e simbólica possuíam uma denominação:

- **kaa maraney** (T:210) ômato de onde não se retirou madeira, nem foi cercado.

A vegetação primária ficaria, então, em território não conquistado e colonizado pelos Guarani, denominado de **yvy maraney** (T:210) ôsolo intacto, que ainda não foi edificado (T:167, **yvy** = terra, solo, espaço geográfico; T:210, **maraney** = bom, inteiro, incorrupto). A

expressão **Yvy maraney**, conforme os Guarani que contataram Nimuendajú (1914), também possuiria uma acepção mitológica e religiosa, significando õterra-õnde-não-se-morreõ (veja discussão de Melià, 1986:106-107, 1987).

Desconhecemos se os Guarani consideravam a prática de manejo dos grupos que os antecederam nas terras que conquistavam. Todavia, não lhes deviam passar despercebidas as áreas manejadas por outras populações, que poderiam ter configurações distintas, tanto pelas possíveis diferenças estruturais de ecótonos õvirgensõ escolhidos para manejar quanto pelas maneiras de manejar e pelas espécies distintas de plantas preferencialmente utilizadas pelos povos antecessores.

Outras duas expressões são significativas para se arbitrar provisoriamente a diferenciação entre floresta primária (virgem) e floresta secundária (manejada), pois elas também caracterizam um estágio de maturação da comunidade vegetal:

1) **kaõ iguyvera** (T:132) õmato sombrioõ, onde o estrato arbóreo adulto é predominante, com a densidade das copas reduzindo a iluminação dos níveis próximos ao solo, restringindo a proliferação de herbáceas, arbustivas, cipós, trepadeiras, epífitas, etc.

2) **kaõ katu** (B:99), **kaõ katu ova** (T:157, B:99), **kaõ yguypeí katu** (T:132) õmato claroõ e **kaõ yguypeí** (B:99) õmato ralo, desentulhado, desobstruídoõ, são expressões sinônimas para áreas com a densidade arbórea naturalmente reduzida ou de comunidades em processo de sucessão vegetacional secundária, sobre espaços de roças em pousio ou abandonadas ou em locais naturalmente desmatados (p. ex.: clareiras abertas pela queda de uma grande árvore). A expressão **katu** (T:94) õbom, melhorõ, representa uma vegetação mais fácil de ser derrubada; uma vegetação secundária com plantas úteis, cultivadas há muitas décadas; ou, também, uma área que foi desentulhada antropicamente ou que já era naturalmente assim (não contendo ainda epífitas, cipós, trepadeiras e plantas escandentes). Enquanto que **kaõ iñañay mbaõ** (B:99) õmato raloõ, parece estar significando um mato naturalmente pouco denso ou, ainda, um mato imaturo, em fase inicial

de crescimento (T:232, **nãĩ** = pouquinho; T:234 **nani** = assim, sem nada, vazio).

Esta distinção entre mato claro e sombrio também pode ser significativa no que diz respeito à instalação da roça em áreas de pouso, assim como outros TG, onde a vegetação está se recompondo e o estrato arbóreo não amadureceu, facilitando o desmatamento.

Em oposição à terra virgem, existem as comunidades resultantes de transformações empreendidas durante o manejo agroflorestal para instalar através de derrubada/queima da mata as áreas de cultivo, aldeia, etc. As comunidades cultivadas<sup>6</sup> eram denominadas de **temytyma** (T:378; Garcia, 1985:73) e o espaço das roças novas era definido como **kóy** (T:89, B:59, 284, 357). As **temytyma** formavam comunidades que foram transportadas desde a Amazônia, acompanhando o processo de expansão dos Guarani, sendo continuamente reproduzidas e manejadas ao longo dos últimos 3 ou 4 mil anos. Incluem-se também as plantas adotadas fora da Amazônia, na sua imensa área de expansão entre os Paralelos 16° e 35°.

A primeira brotação após a queima, simultânea à eclosão dos cultivares, foi caracteristicamente traduzida por Montoya: **iyague omombytuva** ou **omombytúva mytiguera** (T:335, B:143) õas ervas daninhas afogam as sementeirasõ. Esta expressão, a exemplo de outros TG, representa uma área que estaria sendo simultaneamente ocupada por roçados, por áreas mantidas limpas para diversos fins e por áreas abandonadas ao crescimento da vegetação, etc. Nos locais de sucessão secundária também poderia haver árvores úteis que não foram derrubadas na abertura das roças.

A expressão **õnemboi che kokue** (B:271) õcrescer árvores na terra que foi cultivadaõ, indica um estágio inicial de crescimento de árvores cultivadas pelos Guarani ou que cresceram naturalmente sobre a área de manejo.

---

<sup>6</sup> Pelo menos 34 gêneros na roça (Noelli, 1994); mais de 150 espécies frutíferas; mais de 70 espécies de raízes, sementes, folhas, rizomas, brotos, identificadas na região de Porto Alegre, RS (Noelli, 1993).

Na seqüência desta fase inicial, com a proliferação e crescimento de herbáceas, este estrato emergente era denominado como **kaõjaravi** (T:189) õmato ralo de arbustosõ.

Ao longo deste processo de emergência da vegetação arbórea, com as árvores alcançando um porte considerável, havia um aumento na densidade das brenhas, chamavam a comunidade **kaõ ayguyra** (T:84) õmato espesso por baixo das árvoresõ. Poderia, também, representar comunidades arbóreas pouco densas, com luminosidade sob as copas, permitindo o crescimento de cipós, trepadeiras, etc, chamados de **ai** (T:24) õbrenhas, ramos, espinhalõ.

A roça em pousio ou abandonada, onde propositalmente se deixava a vegetação se recompor para fortalecer o solo, era designada de **kokuere** (T:98) õroça velha já abandonadaõ e **kokuerérima** (T:98) õroça muito antiga já abandonadaõ. As expressões para õmato raloõ citadas acima, com o sentido de sucessão vegetacional, estariam designando os locais antigos de plantio em estágio de pousio, aptos para nova abertura de roça. Estas denominações poderiam representar diferentes estágios de sucessão e gerenciamento de diversas espécies de consumo em áreas de pousio.

O verbete **kaõ añã** (T:34, 84, B:99, 192, 220, 336) õmato áspero, espessoõ, indica o processo de sucessão secundária atingindo a maturidade (T:84, B:99, **kaõ** = mato; T:33, **añã** = bosque).

A mata secundária próxima de atingir a maturidade era chamada de **kaõete** (T:84) õmata verdadeira de paus grossosõ. Os Araweté e Asurini referendam esta definição, pois utilizam as definições **kaõ-hete** e **kaõ-ete**, respectivamente, para as matas maduras com sinais de perturbação humana (Balée, 1989:101-102). A **kaõete** representaria o estágio de maior antigüidade da sucessão secundária, antes de retornar o estado de **kaõ maraney**.

A definição **kaõguasú** (T:83v) õmato grandeõ, representa a grande extensão da mata, sendo sinônimo de floresta, como traduzem os modernos dicionaristas (Guash & Ortiz, 1986:602). A definição **kaõyvate** (T:84, B:99) õmato altoõ mostra a maturidade das árvores através da sua altura (T:167, **yvate** = alto).

Em termos de classificação de estratos verticais existe uma expressão que resume todos os seus níveis: **kaavapyra** (T:83v) õprincípio da mata, tomando-a desde o cume até a base ou, ao contrárioõ. Para o topo ou último estrato vertical encontramos a denominação **kaavapyra yvate** (T:83v). Para a base existe o termo **kaapy** (T:83v) õpé do matoõ. A definição **kaagyre** (T:83v) representa o estrato imediatamente abaixo da superfície do solo.

Não foram encontradas subdivisões que representem os estratos intermediários, sendo uma lacuna que necessita ser preenchida futuramente, com o avanço dos estudos lingüísticos e etnobiológicos.

Para estratos vegetais horizontais, localizados em terrenos planos, existe o termo **kaaruri** (T:347) õmato plano, seguidoõ.

Representando as comunidades silváticas em suas dimensões horizontais e verticais, encontramos a definição generalizante **kaapyiara** (T:84) õo que contém a mataõ.

Quando havia penetrações ou ilhas de campo dentro da floresta, marcando a distinção entre comunidades, os Guarani denominavam a composição de **kaa sando sandó** (T:112) õmata extensa com pedaços de campoõ. Também havia, para as manchas de campo no interior da floresta, a designação **ñunvaui** (T:253).

As bordas da floresta junto ao campo eram designadas como **kaaracape** (T:348) õpedaço de mato no campoõ.

A expressão **ko yvy yta pervaie rama ñande mano** (T:355) õacabará a terra inculta assim que morrerem todosõ explicita a importância da ação quotidiana que tinha o manejo do ambiente, principalmente na manutenção e conservação de plantas cultivadas que desapareceriam com a competição vegetal. O processo completo de abandono das áreas de manejo era referida pelos Guarani como **tape** (T:355) õlugar onde esteve a aldeiaõ. Outra referência que atesta a uniformidade da família TG, foi colhido por Balée (1989:99) entre os Kaapor com o termo **taper**, que classifica a mata onde são encontrados vestígios arqueológicos e de antigo manejo.

Por fim, as comunidades vegetais eram genericamente consideradas como **yvyra aimbaetyva** (T:169) òarvoredõ infrutíferõ, compostos por **yvyra ei** (T:169) òárvore inútil, infrutíferã. Poderiam, ao contrário, ter várias utilidades sendo consideradas como **yvyra aguyjei** (T:169) òárvore proveitosaõ, e **yvyray akatúvae** (T:170) òárvore frutíferã, **yvaotyva** (T:166) òárvores frutíferasõ.

## COMUNIDADES DA ZONA COM VEGETAÇÃO PALUSTRE.

Podem ser divididas entre: a) comunidades flutuantes - formadas por plantas não radicadas, boiando nos cursos d'água; b) comunidades da beira d'água - basicamente formadas por vegetais radicados, que vivem submersos ou temporariamente emersos, nas épocas de seca; c) comunidades de banhado - formadas por uma grande massa de gramíneas, ciperáceas, gravatás palustres, bananas do mato, etc. Uma parte considerável dos vegetais coletados pelos Guarani eram obtidos entre os vegetais palustres (Gatti, 1985; Noelli, 1993).

As expressões **yty aruru**, **ytypyta aruru** (B:7) õfolhagem do rio, o que acaba estacionado no remansõ, caracterizam genericamente as comunidades flutuantes. Eram constituídas pelo que os Guarani chamavam genericamente de **aguape** (T:20) õfava de águaõ, **aguapeí** e **kaapei** (B:54) õervazinhas das lagoasõ, identificadas por Gatti (1985:8-9) como **aguapemí** (*Alternanthera sp.*); **aguape** (*Eichhornia azurea*); **aguape** (*Eichhornia crassipes*); **aguapeí** (*Lemna sp.*); **aguapemiri** (*Heteranthera reniformis*); **aguape** (*Pontederia lanceolata*) e **aguape** (*Pontederia brasiliensis*). Havia uma alga flutuante comestível não classificada em nível de espécie (Fiebrig-Gertz, 1923:102), que Montoya registrou como **igau** (T:174; Montoya, 1892:165).

Entre as comunidades da beira d'água, as mais conhecidas formam os **pirityva** (B:56) õjuncaisõ. Espécies comuns que ocorrem nas margens dos cursos d'água da Região Sul do Brasil, foram denominadas pelos Guarani como **piri** (*Scirpus californicus/Scirpus sp.*), **piri**



**puku** (*Scleria sp.*), **kure piriã** (*Cyperus rotundus/Cyperus sesquiflorus*), **piri poty** (*Juncus dichotomus*) e **pirimi** (*Eleocharis nodulosa*). Estas plantas podiam conviver com árvores, arvoretas, capins, arbustos, etc.

As comunidades palustres com predominância de extrato arbóreo em terrenos estavam submersos uma parte do ano, a exemplo de outros Tupi, eram denominadas pelo termo **iapo** (T:164) õbanhadoö. Um detalhamento para este ambiente é encontrado na definição **yvyasusu** (T:167) õbanhado lodosoö e **tujususu, tujumumu** (T:231, 402), quando a superfície do solo estava emersa ou semi-emersa sobre um terreno lodoso. Talvez pela sua área e fisionomia mais constante, poderia ser chamada de **yvyñuñu** (T:240) õterra brejosaö.

Em terrenos um pouco mais elevados ocorrem as áreas de prados úmidos junto às margens freqüentemente inundadas, entretanto, sem reter água em estagnação todo ano. Os prados são compostas por tapetes de gramas sobre solos lodosos, considerado por Rambo (1956:178) como o ambiente onde õreinaö a arvoreta **jukeri** (*Mimosa bimucronata*). Fisionomias com este tipo de vegetação e solos úmidos eram chamadas de **tujuti, tuju apasuruy** (B:71), **tujua** (B:279) õlo-daçal, lamaçalö.

### COMUNIDADES DA ZONA COM VEGETAÇÃO PREDOMINANTE.

As comunidades com uma espécie majoritária eram referidas por Montoya através da inclusão do sufixo **tyva** (õtibaö) ao nome da planta, significando õabundância de...ö (Cf. Bordoni, s.d.:667). Modernamente o sufixo aparece contraído em **ty, gwy** e **ndy** (Garcia, 1985:72-73). Estas comunidades poderiam ser naturais ou manejadas.

Montoya cita alguns exemplos de concentrações de vegetais úteis, certamente manejados em alguns casos e em outros não, resultado de aglomerações naturais:

**yvaityva** (T:166) õabundância de árvores frutíferasö;

**pindotyva** (T:296) õpalmeiralö de *Arecastrum romanoffianum*;

**takuatyva** (T:356) òtaquaralö de *Guadua trinii*;  
**purityva** (B:56) òjuncalö de *Scirpus*, *Scleria*, *Cyperus*, *Juncus*,  
*Eleocharis*, etc.;  
**jukerityva** (B:277) òsarsalö de *Mimosa bimucronata*;  
**kapiötyva** (T:89, B:54) òcapinzalö;  
**yvotityva** e **yvotyrenda** (T:171, B:7) òjardim de floresö;  
**ayva** (T:24) òbrenhasö, cipoal.

As matas de *Araucaria angustifolia* eram chamados de ò**kurityvaö** ou ò**kurityö** (T:110, **kuri** = pinhão) e ocupavam lugar de destaque nas coletas e no manejo dos Guarani que viviam na região. No dicionário Mbyá-Guarani de Dooley (1982:97) encontramos **kurity** (pinhal).

Em diversas áreas de domínio Guarani existiam e, em alguns lugares onde eles não mais ocupam, ainda existem grandes concentrações de palmeiras e palmitais, como no Paraguai (Vellard, 1939) e na Argentina, em Misiones (Dørbigny, 1945 I). No Rio Grande do Sul, na Serra do Herval, existe uma grande concentração de palmeiras jataí (*Butia capitata*) e ao norte do Estado, sobre o Planalto, concentrações de *Butia eriospatha*. Outros exemplos conhecidos são as matas de *Araucaria angustifolia* na borda e sobre o Planalto Sul-rio-grandense e os ervais de *Ilex paraguariensis* no sul do Brasil, Mato Grosso do Sul e Paraguai. São casos similares aos que estão sendo atualmente identificados nas florestas antropogênicas da Amazônia (Balée, 1989).

## CONCLUSÃO

Este levantamento tenta superar o primeiro degrau em direção ao reconhecimento da classificação de comunidades vegetais e a uma aproximação à perspectiva ecológica e biológica dos Guarani. É, especificamente, uma tentativa de chamar à atenção dos õguaraniólogos para conhecimentos milenares, à margem dos atuais interesses de pesquisa que vêm sendo publicados. Excetuando poucos estudiosos, tal como se pode observar entre as publicações existentes, a maioria parece desconhecer as relações dos Guarani com o ambiente, a fauna e parte do simbolismo a eles relacionado. Neste sentido, em sua análise

sobre os estudos de Nimuendajú, que iniciaram uma hipertrofia acadêmica de certos aspectos religiosos, Viveiros de Castro (1987:xxx) concluiu que há õuma tradição de esquecimento daquilo que forma a base mínima das descrições etnográficasõ sobre os Guarani.

Os dados apresentados neste trabalho, fragmentários e extraídos de um dicionário publicado há 357 anos, se revelaram atuais, mostrando mais uma vez a fantástica e rica fonte de pesquisa que são os dicionários de Montoya. Não somente por apresentarem dados comparáveis aos dos Guarani remanescentes, mas pelas relações que podem ser estabelecidas com outros povos da família Tupi-guarani que vêm sendo estudados. Ainda teremos que esperar por estudos etnobiológicos entre os Guarani atuais, para podermos compreender plenamente os dados que tivemos oportunidade de analisar.

Por outro lado, o entendimento dessa classificação ilumina muito além dos limites das questões de interesse etnobiológico, revelando elementos úteis à compreensão da expansão, dominação e manutenção territorial (bem como de questões sociais, econômicas e simbólicas). Sua contribuição pode alcançar as problemáticas de outras ciências, especialmente as da botânica nas áreas de fitogeografia e biodiversidade vegetal. A projeção histórica das atividades de manejo ambiental em direção ao passado, numa dimensão temporal que deve ultrapassar um período de 2.000 anos, considerando seu imenso território de domínio e a quantidade de espécies correntemente utilizadas, é uma prova de que os Guarani contribuíram positivamente na alteração fitogeográfica e na biodiversidade do sul do Brasil e adjacências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALÉE, William. 1984. *The persistence of Urubu Kaçapor culture*. New York, Columbia University. (PhD tesis).
- BALÉE, William. 1986a. Análise preliminar de inventário florestal e a etnobotânica Kaçapor (Maranhão). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, botânica, 2(2):141-167. Belém.
- BALÉE, William. 1986b. Etnobotânica quantitativa dos índios Tembé (Rio Gurupi, Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, botânica, 3(1):29-50. Belém.

- BALÉE, William. 1989a. Nomenclatural patterns in Kaçapor ethnobotany. *Journal of Ethnobiology*, 9(1):1-24.
- BALÉE, William. 1989b. The culture of Amazonian forests. *Advances in Economic Botany*, 7:1-21.
- BALÉE, William & GÉLY, Anne. 1989. Managed Forest Succession in Amazonia. *Advances in Economic Botany*, 7:129-158.
- BALÉE, William & MOORE, Denny. 1991. Similarity and variation in plant names in five Tupi-guarani languages (Eastern Amazonia). *Bulletin of the Florida Museum of Natural History*, Biological Sciences, 35(4):209-262.
- BERTONI, Moisés. 1927. *De la medicina Guaraní. Conocimientos científicos. El cuadro nosológico y una creencia errónea. Conceptos generales. Algunos tratamientos notables. Plantas medicinales de gran uso*. Puerto Bertoni, Ex Sylvus.
- BERTONI, Moisés. 1940. *Diccionario Botánico Latino-Guaraní y Guaraní-Latino*. Asunción, Editorial Guaraní.
- BINFORD, Lewis. 1980. Willow smoke and Dogsø tails: hunter-gatherer settlement systems archaeological site formation. *American Antiquity*, 45(1):4-20.
- BOOM, Brian M. 1989. A forest inventory in Amazonian Bolivia. *Biotropica*, 18:287-294.
- BORDONI, Orlando. s.d. *Dicionário: A língua Tupi na Geografia do Brasil*. Curitiba, BANESTADO.
- CADOGAN, León. 1947. Cuadro estadígrafo e las maderas utiles del Paraguay. Separata da *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 6(2).
- CADOGAN, León. 1955. *Breve contribución al estudio de la nomenclatura Guaraní en botánica*. Asunción, Ministério de Agricultura y Ganadería/Servício Técnico Interamericano de Cooperación Agrícola.
- CADOGAN, León. 1973. Ta-ny puku. Aportes a la etnobotánica Guaraní de algunas especies arbóreas del Paraguay oriental. *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, 7(1-2):7-59.
- CARDOZO, Efraim. 1979. *Historiografía Paraguaya, vol I. Paraguay indígena, español y jesuíta*. 2 ed. México D.F., Instituto Panamericano de Geografía e História.
- CASTEX, Mariano N. 1968. Vida y obra del P. José Sanchez Labrador S.J. In: José Sanchez Labrador. *Peces y aves del Paraguay Natural (1767)*. Buenos Aires, Cia. General Fabril Editora, S.A. .
- DORBIGNY, Alcides. 1945. *Viaje a la América Meridional*, vol. 1. Buenos Aires, Editorial Futuro.
- DOOLEY, Robert. 1982. *Vocabulário do Guaraní. Vocabulário básico do Guaraní contemporâneo (Dialeto Mbüa do Brasil)*. Brasília, Summer Institute of Linguistics.
- FRIEBRIG-GERTZ, C. 1923. Guaraní names of paraguayan plants and animals. *Revista del Jardín Botánico y Museo de História Natural del Paraguay*, 2:99-149.
- FURLONG, Guillermo. 1948. *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires, Editorial Huarpes.

- GARCIA, Wilson G. 1979. *O domínio das plantas medicinais entre os Kayová de Amambai: Problemática das relações entre nomenclatura e classificação*. São Paulo, FFLCH-USP. (Dissertação)
- GARCIA, Wilson G. 1985. *Introdução ao universo botânico dos Kayová de Amambai. Descrição e análise de um sistema classificatório*. São Paulo, FFLCH-USP. (Tese).
- GATTI, Carlos. 1985. *Enciclopédia Guarani-Castellano de ciencias naturales y conocimientos Paraguayos*. Asunción, Arte Nuevo Editor.
- GUASH, Antonio & ORTIZ, Diego. 1986. *Diccionario Castellano-Guarani/Guarani-Castellano*. 6 ed. Asunción, CEPAG.
- HECHT, Susanna & POSEY, Darrell. 1990. Ingenious soil management in the Latin American Tropics: some implications for the Amazon basin. In: D. Posey & W. L. Overal (Orgs.). *Ethnobiology: implications and applications* Belém, SCT/PR-CNPq-Museu Paraense Emílio Goeldi. pp.73-86.
- HUECK, Kurt. 1972. *As Florestas da América do Sul*. São Paulo, Polígono.
- IRVINE, Dominique. 1989. Succession management and resource distribution in an Amazonian rain forest. *Advances in Economic Botany*, 7:223-237.
- JOHNSON, Allen. 1982. Ethnoecology and planting practices in a swidden agricultural system. In: D. Brokensha; D. Warren and D. Werner (Eds.). *Indigenous knowledge systems and development*. Washington D.C., University Press of America. pp.49-67.
- JOHNSON, Allen. 1989. How the Machiguenga manage resources: conservation or exploitation of nature? *Advances in Economic Botany*, 7:213-222.
- MARTÍNEZ-CROVETTO, Raul. 1968a. Notas sobre la agricultura de los índios Guaraníes de Misiones (Rep. Argentina). *Etmbiológica*, 10:1-11.
- MARTÍNEZ-CROVETTO, Raul. 1968b. Introducción a la etnobotánica aborigen del nordeste argentino. *Etmbiológica*, 11:1-10.
- MELIÀ, Bartomeu. 1981. El ômodo de ser Guaraniö en la primera documentación jesuítica (1594-1639). *Revista de Antropologia*, 24:1-24. São Paulo.
- MELIÀ, Bartomeu. 1986. *El Guaraní conquistado y reducido*. Asunción, CEADUC.
- MELIÀ, Bartomeu. 1987. La tierra sin mal de los Guarani. *Economia y profecía. Suplemento Antropológico de Ateneo Paraguayo*, 22(2):81-97.
- MELIÀ, Bartomeu. 1989. A experiência religiosa Guarani. In: M. M. Marzal (Org.). *O rosto índio de deus*. Petrópolis, Vozes. pp.293-348.
- MELIÀ, Bartomeu; GRÜNBERG, Georg & GRÜNBERG, Friedl. 1976. *Los Pai-Tavyterã: etnografía Guaraní del Paraguay contemporáneo*. Asunción, Seperata del Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo.
- MONTOYA, Antonio. 1639. *Tesoro y vocabvlário de la lengva Gvarani*. Madrid.
- MONTOYA, Antonio R. 1892. *Conquista espiritual*. Bilbao, Imprenta del Corazón de Jesús.
- MÜLLER, Franz. 1928. Drogen und Medikamente der Guarani - (Mbyá, Pai and Chiripá) Indianer im östlichen Waldgebiete von Paraguay. *Festschrift P. W. Schmidt*. Wien, s.e. pp.501-514.

- NIMUENDAJÚ, Curt U. 1914. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocuva-Guaraní. *Zeitschrift für Ethnologie*, 46:284-403.
- NOELLI, Francisco S. 1993. *Sem Tekoha não há Tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*, 2 vol. Porto Alegre, IFCH-PUCRS. (Dissertação).
- NOELLI, Francisco S. 1994. El Guaraní agricultor. *Acción. Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo*, 144:17-20.
- NOELLI, Francisco S. s.d. *Classificação Guarani de solos*. (texto manuscrito).
- POSEY, Darrell. 1987. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: D. Ribeiro (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*, vol.1. Petrópolis, Vozes. pp.173-185.
- PRANCE, William; BALÉE, William; BOOM, Brian & CARNEIRO, Robert. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazonia. *Conservation Biology*, 1(4):296-311.
- RAMBO, Balduino. 1956. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Selbach.
- RUYER, Cláudio. 1970. Carta do Pe... In: H. Vianna (Org.). *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional. pp.72-80.
- SALICK, Jan. 1989. Ecological basis of Amuesha agriculture, peruvian upper Amazon. *Advances in Economic Botany*, 7:189-212.
- SALICK, Jan & LUNDBERG, Mats. 1989. Variation and change in Amuesha agriculture, peruvian upper Amazon. *Advances in Economic Botany*, 7:199-223.
- SMOLE, William J. 1989. Yanoama horticulture in the Parima highlands of Venezuela and Brazil. *Advances in Economic Botany*, 7:115-128.
- SPONSEL, Leslie E. 1986. Amazon ecology and adaptation. *Annual Review of Anthropology*, 15:67-97.
- STORNI, Julio. 1944. *Hortus Guaraniensis:Flora*. Tucumán, Univ. del Tucumán.
- SUSNIK, Branislava. 1982-1983. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*, 2 vols. Asunción, Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales.
- VELLARD, Jehan. 1939. *Une civilisation du miel. Les indiens Guayakis du Paraguay*. Paris, Gallimard.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. Nimuendajú e os Guarani. In: Curt Nimuendajú Unkel. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo, HUCITC-EDUSP.
- WATSON, James. 1952. Cayuá culture change: a study in acculturation and methodology. *American Anthropologist*, 54:(2-2):1-144. Lancaster.